

EXOTISMOS E TRADIÇÕES MIGUEL BORGES COELHO

CCB

18 OUT 24

Miguel Borges Coelho © Leonor Ferreira

**CENTRO DE ARTES
PERFORMATIVAS E
PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Ciclo Sexta Maior – Recital de piano

Sala Luís de Freitas Branco

20h00

M/6

Programa

Wolfgang Amadeus Mozart (1756–1791)

Sonata em Fá maior, K. 280

Allegro assai

Adagio

Presto

Frédéric Chopin (1810–1849)

Dois Noturnos, op. 27

N.º 1, em Dó sustenido menor

N.º 2 em Ré bemol maior

Fernando Lopes-Graça (1906–1994)

Sonata n.º 2

Allegro giusto

Andante

Allegro non tanto

INTERVALO

Claude Debussy (1862–1918)

Images, 1.º Livro

Reflets dans l'eau

Hommage à Rameau

Mouvement

Béla Bartók (1881–1945)

Sonata

Allegro moderato

Sostenuto e pesante

Allegro molto

Piano **Miguel Borges Coelho**

EXOTISMOS E TRADIÇÕES

O concerto de hoje, *Exotismos e tradições*, propõe-nos um programa pianístico que atravessa 150 anos na história da música, colocando-nos com grande evidência perante diferentes formas de pensar a música, compor para o piano e abordar o instrumento em todo o seu potencial técnico e acústico.

A ***Sonata em Fá Maior, K. 280*** foi composta entre 1774 e 1775, quando **W. A. Mozart (1756–1791)** estava em Munique a acompanhar a produção da ópera *La finta giardiniera*. Com 18 anos feitos, Mozart já firmara uma carreira internacional impressionante como pianista e compositor, abarcando vários géneros, desde a música de câmara à sinfónica e da música religiosa à ópera. Paralelamente à resposta a encomendas institucionais, como era o caso da ópera referida, destinada ao Teatro Salvator, Mozart compôs muita música para piano para tocar nos seus próprios concertos como pianista. É o caso da *Sonata K. 280*, parte de um conjunto de seis sonatas (K. 279 a 284) em que cada uma é escrita numa das tonalidades do ciclo de quintas e apresenta características formais e estilísticas diferenciadas. Na correspondência com o pai, Mozart referiu-se ao conjunto como «sonatas difíceis». Mas o que sobressai no caso da *Sonata K. 280* é sobretudo a escrita clássica de grande simplicidade, elegância e fluidez — mesmo no *Adagio*, escrito numa tonalidade menor (caso único nas sonatas de Mozart), em que o compositor ingressa numa atmosfera mais melancólica, antes de se lançar ao último andamento, brilhante na intensidade de harpejos rápidos e sequências de acordes.

Os ***Noturnos*** de **F. Chopin (1810–1848)** inscrevem-se já no designado Romantismo, onde a emoção e o dramatismo orientam de forma muito marcante o pensamento musical. Os **op. 27 n.ºs 1 e 2** são dos mais conhecidos no conjunto de 21 *Noturnos* que o compositor escreveu entre 1827 e 1846. Peça pianística sem divisão em andamentos, destinada a ser tocada em serões, o *Noturno* foi um género muito em voga no século XIX, por impulso inicial do compositor e pianista irlandês John Field (1782–1837). Mas foi sobretudo com Chopin que atingiu o seu expoente expressivo.

No **op. 27 n.º 1**, por exemplo, a estrutura base do género fixada por Field — uma melodia acompanhada — expande-se na abordagem do compositor polaco em densidade emocional, com a linha melódica, quase vaga e interrogativa da mão direita a ser sustentada ao longo de vários compassos por um harpejo largo, lento, mas persistente da mão esquerda que nos mergulha numa atmosfera soturna, só perturbada pela mudança para o andamento mais rápido na parte central da peça. No **n.º 2**, por contraste, a melodia é mais ampla e expansiva e ressurgue em sucessivas variações que pela adição de vozes, da ornamentação, da agitação rítmica e do extenso recurso ao pedal do piano, intensificam de forma fulgurante a expressão dramática do texto musical.

A **Sonata n.º 2 de F. Lopes-Graça (1906-1994)** lança-nos no século XX, onde a abordagem ao piano procura expandir as potencialidades técnicas e acústicas do instrumento. A *sonata* foi escrita em 1939, ano em que Lopes-Graça acaba por regressar a Portugal depois de dois anos a viver em Paris para evitar uma terceira detenção e prisão pela acusação de resistência ao fascismo. A perspetiva da guerra interrompera-lhe o plano de continuar a estudar musicologia e composição na capital francesa, mas já lhe permitira, pelo contacto mais próximo com as vanguardas musicais, clarificar e aprofundar a sua vontade de trabalhar com as fontes tradicionais portuguesas, numa perspetiva moderna, pessoal e de reação crítica ao folclorismo nacionalista cultivado no regime de Salazar. A **Sonata n.º 2** já é muito reveladora desse processo. Conseguimos destacar com clareza a presença de material melódico de origem rural, com uma autenticidade no desenho quase intacta. Mas Lopes-Graça manipula esse material com o recurso às mais ousadas técnicas compositivas do seu tempo, evidenciando o potencial moderno do legado tradicional: a escrita em blocos contrastantes de homofonia e polifonia, acentuações rítmicas irregulares, secções em polirritmia, dobragem dissonante da linha melódica, e harmonia espartilhada em acordes e ostinatos politonais. O piano, por sua vez, é trabalhado tanto enquanto veículo melódico (na linha de Mozart e Chopin), recurso quase orquestral (na linha de Debussy ou Ravel) ou instrumento de percussão (na linha de Béla Bartok ou Stravinsky).

Images é um ciclo de seis peças de **C. Debussy (1862-1918)**, publicadas em dois livros. O **Livro I**, com as primeiras três peças, foi composto entre 1901 e 1905 e, a esse propósito, Debussy, numa carta ao editor Jacques Durant, expressou-se convicto de que as composições iriam fazer o seu caminho e conquistar um lugar de destaque na literatura pianística. Não estava errado: as incontáveis gravações de **Images**

comprovam a sua convicção. Escrita com base em três notas (Lá bemol, Fá e Mi bemol) e na escala pentatônica, sequências de harpejos rápidos e ondulantes e acordes espaçados, ***Reflets dans l'eau*** é uma composição extraordinariamente sugestiva da inconstância da água, ora em movimento ou em quietude apenas aparente, que a luz refletida multiplica em vibrações cintilantes. A segunda peça, ***Hommage à Rameau***, coloca-nos diante de um trabalho compositivo nos antípodas da peça precedente. Em forma tripartida, parte de dois temas, uma melodia e uma sequência de acordes, desenvolvidos numa arquitetura clara e majestosa que faz total tributo à figura do compositor barroco Jean-Philippe Rameau (1683-1764). ***Mouvement*** é exato no que propõe, uma peça de textura densa, movimento rápido e explosão exuberante de acordes, pontuada por momentos de humor e divertimento — tudo isto sobreposto a um ostinato persistente, como se de uma locomotiva se tratasse, atravessando, veloz, uma paisagem em permanente mudança.

1926 foi o ano em que **Béla Bartók (1881-1945)** se consagrou exclusivamente ao piano: várias peças reunidas em duas coleções, o *Concerto n.º 1 para Piano e Orquestra* e a sua primeira e única ***Sonata***, editada no ano seguinte. É uma obra em três andamentos — *Allegro moderato*, *Sostenuto e pesante* e *Allegro molto* —, relativamente curta, mas profundamente desafiante para qualquer intérprete. Nela encontramos a mesma abordagem percussiva do piano que Lopes-Graça explora na *Sonata*: sucessões de notas repetidas, acordes quase «martelados» e mudanças de compasso e articulação destacadas por ataques acentuados. Apesar de parecermos mergulhados num turbilhão de dureza e permanente dissonância, perpassam passagens de grande doçura e expressão, caso do 1.º e 2.º andamentos, e de uma contagiante vitalidade, quase dançável, no 3.º andamento, escrito na forma rondó.

Isabel Novais

Miguel Borges Coelho

Piano

Natural do Porto, Miguel Borges Coelho mantém uma carreira de solista e músico de câmara, em paralelo com a carreira de professor de piano na Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo (ESMAE), no Porto. Considerado por muitos um dos melhores pianistas portugueses da atualidade, iniciou o estudo do piano com Amélia Vilar, prosseguindo a sua formação no Conservatório daquela cidade, com Isabel Rocha. Como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, estudou na Hochschule für Musik Freiburg, com V. Margulis, e na Escuela Superior de Música Reina Sofia, com D. Bashkirov e G. Egyazarova (piano) e Martha Gulias (Música de Câmara). Venceu vários concursos nacionais de piano e obteve o 2.º Prémio e o Prémio para a interpretação da obra contemporânea no XIV Concurso Internacional de Música da Cidade do Porto. Em 1998, o Ministério da Cultura atribuiu-lhe o Prémio Revelação Ribeiro da Fonte. Atuou em Portugal, Espanha, França, Suíça, República Checa, Brasil e Colômbia, nomeadamente no Centro Cultural de Belém, Casa da Música, Fundação Gulbenkian, Teatro Nacional de São Carlos, Euskalduna (Bilbao), Kursaal (San Sebastián), Baluarte (Pamplona), Rudolfinum (Praga) e em festivais como os de Sintra, Póvoa do Varzim, Dias da

Música em Belém (CCB), Terras Sem Sombra, Folles Journées (Nantes), Quatuors à Cordes en Pays de Fayence, Mozart (Coruña), Quincena Musical (San Sebastián) e Musika/ Música (Bilbao). Foi solista com as orquestras do Algarve, APROARTE, de Câmara de Praga, Clássica da Madeira, EPMVC, Filarmonia das Beiras, Gulbenkian, Metropolitana de Lisboa, Nacional do Porto (atual Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música), Sinfónica de Euskadi, Sinfónica Portuguesa e Sinfonietta de Lisboa. Colabora assiduamente com a pianista Marta Zabaleta, tendo atuado ainda com músicos como Pedro Burmester, Afonso Fesch, Paulo Gaio Lima, Michal Kanka, Frantisek Novotni, Asier Polo, Filipe Quaresma, Gerardo Ribeiro, Pedro Ribeiro, António Rosado, António Saiote, Pavel Sporcl, Álvaro Teixeira Lopes, e os quartetos Capela, de Matosinhos, Prazak e Talich. Fez estreias mundiais de obras de F. Lopes-Graça e J.P. Oliveira. Gravou um CD duplo com obras de J. Peixinho (Numérica). Para a editora Praga Digitals (Harmonia Mundi), em colaboração com o violoncelista Michal Kanka e com o Quarteto Prazak, gravou quatro CD com obras de M. Weinberg, E. Bloch, R. Strauss e A. Tchérenin. O CD dedicado a Weinberg foi *Choc Disc* para a revista *Le Monde de la Musique* e, tal como os CD dedicados a Bloch e Strauss, foi *Diapasón 5* para a revista *Diapasón*.

Miguel Borges Coelho © Leonor Ferreira



JÁ A SEGUIR
22 NOV 2024

Ciclo Sexta Maior – Música Barroca

VENEZIA
CONCERTO DE' CAVALIERI

O *ensemble* Concerto de' Cavalieri, reconhecido como «um dos grupos mais vibrantes e entusiasmantes da Itália dedicados à interpretação com instrumentos de época» (*Fanfare Magazine*), apresenta *Venezia* sob a direção de Marcello Di Lisa. O programa inclui obras de mestres do Barroco italiano como Vivaldi, Albinoni, Marcello, Caldara e Bigaglia. Serão interpretadas peças como o *Concerto para dois violinos, violoncelo e baixo contínuo*, RV 106 de Vivaldi, *Balletto a tre em Dó Maior*, op. 3 n.º 1 de Albinoni e a *Sonata n.º 8 em Mi menor para violino e baixo contínuo* de Alessandro Marcello.

Este concerto celebra a rica tradição musical de Veneza, destacando composições raras e magistralmente interpretadas por este *ensemble* aclamado internacionalmente.

Sexta, 20h00
Foyer do Grande Auditório
M/6

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA

